

RESENHA

INOWLOCKI, Sabrina; ZAMAGNI, Claudio (eds.). *Reconsidering Eusebius: Collected Papers on Literary, Historical, and Theological Issues*. Leiden; Boston: Brill, 2011 (Supplements to Vigiliae Christianae 107). Pp. xii, 254, 14 il. ISBN 978-90-04-20385-3.

Robson Della Torre¹

A presente coletânea teve sua origem em um *workshop* organizado na Université Libre de Bruxelles em março de 2008, que reuniu jovens especialistas nas obras do bispo palestino Eusébio de Cesareia (c. 260-339 d.C.). Segundo os editores (p. vii-viii), sua finalidade era propor novas leituras acerca dos textos eusebianos a fim de problematizar as interpretações mais usuais a seu respeito, que os entendem ora como mero repositório de informações sobre os primórdios da Igreja cristã ou sobre o Império Romano da época, ora como obras de pura construção ideológica eclesiástica e/ou imperial. Com esse intuito, os pesquisadores concentraram suas atenções em textos menos conhecidos de Eusébio para iluminar aspectos frequentemente ignorados de sua produção literária. Do mesmo modo, eles procuraram encontrar um compromisso entre as diferentes facetas do bispo priorizadas pela historiografia, tanto o escritor erudito, profundo conhecedor da literatura cristã precedente e da literatura clássica (sobretudo filosófica) de sua época, quanto o apologista cristão que também encarnou como poucos a função de propagandista do regime constantiniano. Nesse sentido, destaca-se a grande atenção dedicada na coletânea às obras ditas apologéticas de Eusébio, sobretudo a *Preparação do Evangelho* e a *Demonstração do Evangelho*. Em parte, isso se deve ao fato de que essas obras se destacam por sua conjunção entre erudição e ideologia, pois nelas Eusébio combina extensas e variadas citações dos mais diversos autores antigos (cristãos ou não) para construir uma ampla apologia do cristianismo contra os ataques dos judeus e de filósofos pagãos.²

¹ Doutorando em História Cultural do IFCH/UNICAMP sob a orientação da professora Néri de Barros Almeida. Bolsista CNPq.

² O emprego do termo “pagão” nesse caso é polêmico devido à sua conotação cristã, precisamente forjada nos debates apologéticos nos quais Eusébio se inseria. Afinal, essa palavra não descrevia uma realidade objetiva – nenhum “pagão” se reconhecia como tal, nem jamais houve um “paganismo” no sentido de uma religião ou conjunto de práticas religiosas unificado. Ela era útil aos cristãos em especial quando se referiam a todos aqueles que não professavam a fé cristã (à exceção dos judeus), tratados em conjunto como adeptos de uma falsa religião, ainda que a variedade de culto dentre eles fosse muito significativa, e como cultores de falsos deuses (ainda que muitos deles fossem adeptos de alguma forma de monoteísmo ou henoteísmo, como bem exposto no livro de ATHANASSIADI, Polymnia; FREDE, Michael (eds.). *Pagan Monotheism in Late Antiquity*. Oxford: Clarendon Press,

Além do trabalho com os textos apologeticos de Eusébio, a coletânea apresenta ótimas contribuições sobre textos de outras naturezas. O artigo de Mark DelCogliano, por exemplo, oferece a primeira tradução integral do tratado *Sobre a Páscoa*, composto no contexto da discussão sobre a unificação da data de celebração da Páscoa no concílio de Nicéia (325). Ele também apresenta extensos comentários sobre o contexto de produção do tratado e argumenta que ele foi composto por sugestão de Constantino para se alinhar à política imperial de promoção da unidade religiosa então promovida no Império. Além disso, o artigo de Aaron Johnson mostra como um texto quase desconhecido de Eusébio intitulado *Introdução Geral Elementar* (composto durante a Grande Perseguição de 303-313) apresentava diversos paralelos em termos de finalidade pedagógica e de metodologia de composição com comentários filosóficos de sua época, tais como os de Porfírio sobre as *Categorias* de Aristóteles. Johnson procura demonstrar como, apesar de nutrir concepções ideológicas diferentes, Eusébio se inseria em uma ampla comunidade intelectual que ia muito além de seu contexto cristão.

No entanto, é necessário observar três pontos problemáticos da coletânea. Primeiro, embora a coletânea tenha feito significativos avanços para entender Eusébio “à part entière”, como advogam os editores (p. ix), a grande concentração

1999). Por conta disso, sobretudo em sua acepção mais corrente, o termo traz consigo uma carga pejorativa que reforça a convicção dos estudiosos dos cultos religiosos no Império Romano de que ele deve ser evitado. Em particular, tem crescido na historiografia a preferência pelo uso do termo “politeísta” para se referir ao conjunto de práticas religiosas não cristãs romanas, pretensamente mais objetivo e mais cientificamente pertinente – ver, por exemplo, FOWDEN, Garth. *Constantine’s porphyry column: The earliest literary allusion*. London: *The Journal of Roman Studies*, v. 81, 1991, p. 119-131, 1991, em especial p. 119 n.*. No entanto, no contexto do estudo da produção eusebiana, o emprego do termo “pagão” me parece ainda inescapável e necessário. Primeiro, porque de fato ele é um conceito operante no pensamento do bispo e, como tal, deve ser entendido em suas especificidades. Segundo, porque ele se refere a um grupo muito diversificado de não cristãos, sejam eles monoteístas, politeístas ou algo diferente, que era combatido pelo bispo pelas críticas que dirigiam contra os cristãos e que podiam se expressar no campo político das mais variadas formas, inclusive materializadas nas perseguições dos séculos III e IV – ver, por exemplo, DIGESER, Elizabeth P. *A Threat to Public Piety: Christians, Platonists and the Great Persecution*. Ithaca: Cornell University Press, 2012, ainda que parte de suas teses deva ser tratada com cautela. Terceiro, porque a carga negativa do conceito “pagão” está atrelada a construções históricas posteriores à época de Eusébio e a limitações da língua portuguesa – o termo que o bispo usaria para se referir aos “pagãos” é ἑλλην (“grego”), cujo conjunto era denominado ἑλληνισμός (“helenismo”), ambas expressões bastante elogiosas na cultura do período. Em contrapartida, o termo “politeísta” seguiu o caminho inverso, sendo extremamente pejorativo quando foi concebido e só depois foi desprovido de sua carga preconceituosa pela suposta objetividade descritiva imbuída na formação da palavra (ver BARNES, Timothy D. “Monotheists all?”. Toronto: *Phoenix*, v. 55, nº 1/2, 2001, p. 142-162, em particular p. 142). Para uma discussão iluminadora sobre os problemas de conceituação tratados aqui (e com a qual concordo integralmente), ver CAMERON, Alan. *The Last Pagans of Rome*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2011, p. 14-32, em particular p. 25-28. Por fim, note-se que essa discussão está ausente de todas as contribuições do volume aqui discutido. Apenas o artigo de Iricinschi toca na questão da conceituação eusebiana de “paganismo”, mas ele o faz de modo bastante ruim, repleto de referências equivocadas à documentação, a ponto de suas conclusões serem irrelevantes.

dos autores nas obras apologéticas de Eusébio levou a uma total negligência quanto a obras de erudição como o *Onomastikon*, de polêmica eclesiástica como o *Contra Marcelo* e a *Teologia Eclesiástica* e quanto a seus volumosos comentários bíblicos sobre o profeta Isaías e sobre os Salmos. Segundo, *Reconsidering Eusebius* padece da baixa qualidade de alguns dos trabalhos apresentados. Em particular, os artigos de Oded Irshai e de Eduard Iricinschi precisam ser lidos com extrema cautela por conta dos frequentes erros cometidos pelos autores tanto nas citações de documentos quanto nas referências às teses de historiadores contemporâneos. Por fim, há que se lamentar que os autores não tenham aprofundado o diálogo iniciado no workshop de 2008, o que faz com que as contribuições pareçam se ignorar mutuamente. Em especial, impressiona o fato de que nenhum dos artigos tenha incorporado em sua análise o material discutido no artigo inicial de Joseph Patrich, que traça um bom perfil da cidade de Cesareia na época de Eusébio com base na cultura material local. A impressão ao se terminar a leitura do volume é que se está diante de um grande mosaico cujo único ponto de articulação é a referência aos textos eusebianos como ponto de partida, mas que mereceria ser mais bem articulado. Nesse sentido, embora o volume possa ser bastante proveitoso para especialistas das obras do bispo palestino, ele parece ser pouco indicado para estudantes em geral ou para pesquisadores que precisem de uma introdução básica aos estudos sobre Eusébio.

Índice

Preface, p. vii-xii

Joseph Patrich, “Caesarea in the Time of Eusebius”, p. 1-24

Oded Irshai, “Fourth Century Christian Palestinian Politics: A Glimpse at Eusebius of Caesarea’s Local Political Career and Its *Nachleben* in Christian Memory”, p. 25-38

Mark DelCogliano, “The Promotion of the Constantinian Agenda in Eusebius of Caesarea’s *On the Feast of Pascha*”, p. 39-68

Eduard Iricinschi, “Good Hebrew, Bad Hebrew: Christians as *Triton Genos* in Eusebius’ Apologetic Writings”, p. 69-86

Elizabeth C. Penland, “Eusebius Philosophus? School Activity at Caesarea through the Lens of the *Martyrs*”, p. 87-97

Aaron P. Johnson, The Context of the *General Elementary Introduction*, p. 99-118

Sébastien Morlet, “Eusebius’ Polemic Against Porphyry: A Reassessment”, p. 119-150

Claudio Zamagni, “Eusebius’ Exegesis between Alexandria and Antioch: Being a Scholar in Caesarea (a Test Case from *Questions to Stephanos I*)”, p. 151-176

Jeremy M. Schott, “Eusebius’ *Panegyric on the Building of Churches* (*HE* 10.4.2–72): Aesthetics and the Politics of Christian Architecture”, p. 177-197

Sabrina Inowlocki, “Eusebius’ Construction of a Christian Culture in an Apologetic Context: Reading the *Praeparatio evangelica* as a Library”, p. 198-223

W. Adler, “Alexander Polyhistor’s *Peri Ioudaiōn* and Literary Culture in Republican Rome”, p. 225-240